

# IMPLICAÇÕES DAS MUDANÇAS OCORRIDAS NA MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE DESIGN

*Suzana Suguimori Santos<sup>1</sup>*

## INTRODUÇÃO

No ano de 2011 a profissão de Designer foi reconhecida <sup>2</sup>e esse fato alterou a percepção legal do profissional, bem como a compreensão dos alunos, professores e do mercado a respeito da responsabilidade e papel social do Designer. A Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) modificou a nomenclatura do curso de Desenho Industrial para Design, a pedido do Ministério da Educação e Cultura (MEC) e, visando melhorar a compreensão e integração das matérias oferecidas, modificou também sua matriz curricular. As mudanças ocorridas na matriz do curso de Design da UPM de 2010 a 2012, na habilitação em Projeto de Produto, afetaram alunos e professores em suas atividades acadêmicas, sociais e profissionais. Foram utilizados como referências os estudos de Carvalho (2010) e Cara (2008) sobre o desenvolvimento das faculdades de Design no Brasil, para reconhecer os antecedentes históricos que podem ter influenciado as mudanças citadas. Os estudos de Moreira e Silva (2001) e Gesser e Christofolletti (2010) sobre a importância do currículo na sociedade ajudam a compreender as modificações na Matriz Curricular estudada e quais as melhorias que elas podem proporcionar para o futuro profissional dos estudantes. Um levantamento histórico da implementação do curso de Design na UPM e comparações entre as matrizes curriculares anteriores e atuais, contribuem para um melhor entendimento do que foi acrescentado ou extraído no currículo das disciplinas do Design. Por meio de entrevistas com o corpo docente e discente foi possível registrar o que ambos percebem dessas alterações, como reconhecem melhorias ou falhas que possam acarretar dificuldades no ensino/aprendizado, na conquista do campo de trabalho e na evolução de

1

---

<sup>1</sup> Graduada em Publicidade, Design e pós-graduação em Docência do Ensino Superior pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

<sup>2</sup> Projeto de lei PL 1391/2011 do Deputado José Luiz de França Penna.

aprendizado e pessoal no decorrer do curso, sua cronologia lógica e pertinência de assuntos que as disciplinas trazem a realidade do mercado de trabalho.

É importante destacar que esse estudo não pretende posicionar uma definição ao curso de Design, mas contribuir com a reflexão a respeito dessas mudanças, a fim de continuar um repertório iniciado desde 1960 em discussões de práticas e conceitos que influenciam o ensino do Design no país, principalmente nesse momento de reconhecimento como profissão que envolve uma necessidade de compreensão maior e melhor das atividades de aprendizado e prática.

## **1. O reconhecimento do Design como profissão**

A regulamentação do Design como profissão iniciou-se na década de 1960, quando profissionais formados em Desenho Industrial buscavam um reconhecimento de sua profissão de seu papel dentro da sociedade.

Ser desenhista industrial significaria atuar e optar pela construção de um papel social que envolveria os aspectos éticos e morais internalizados durante a formação acadêmica e a crítica sobre a atuação de “pares”. Essa construção do ser Designer é parte da construção do “eu” social da pessoa. Tornou-se importante para aquela geração de formandos, a partir de meados dos anos 1970, buscar construir e consolidar uma identidade social a partir de uma profissão, de nível superior, considerada “nova”. Recente era a sua institucionalização na sociedade brasileira, embora o campo já existisse há décadas. Essa busca procurava resguardar a posição e o papel social, no mercado existente, para aqueles que decidiram continuar a investir no ser desenhista industrial como um fator importante na construção de sua identidade social, após a conclusão da graduação. (BRAGA, 2005, pg.5)

Durante os processos de reconhecimento da profissão diversas universidades optaram por renomear para Design o curso de Desenho Industrial e alterar suas matrizes curriculares, buscando principalmente uma integração entre as matérias teóricas e práticas, entendendo que a partir do momento de seu reconhecimento como profissão, os alunos formados precisariam possuir o conhecimento em ambas as áreas com maior clareza e responsabilidade.

Essa ação é vista não só no curso de Design, mas em diversos outros cursos que se tornaram reconhecidos como profissão. Atualizar matrizes curriculares torna-se uma necessidade a partir do entendimento da função da universidade na vida do corpo discente: sua repercussão no mundo pós-formado, suas atividades no mercado de trabalho e sua influência na compreensão a respeito da profissão e função perante a sociedade. Gesser e Christofolletti (2010, pg. 8) discorrem a respeito da importância do currículo universitário e a percepção dessas mudanças:

Essa proposição curricular toma, também, como pressuposto básico, o reconhecimento das instituições do mercado como espaços de formação. Entendemos que a formação de nossos profissionais se constitui na relação de saberes teóricos produzidos (na Universidade) e de saberes tácitos da profissão produzidos (nos contextos de atuação) da profissão. Diante disso, a parceria entre Universidade e mercado, que se consolida como espaço de produção de conhecimento, tanto coletivo quanto individual, constituiu-se como um pressuposto dessa proposição curricular. Dessa forma, trabalhamos efetivamente na perspectiva de currículo como contexto (percurso), o qual permite tecer o conhecimento que envolve além das teorias, as experiências, valores e atitudes, suscitando a reflexão e a autorreflexão para aproximar-se da compreensão de si, do outro e do mundo e, assim, recriar o próprio modo de ser / estar / fazer / pensar esse mundo.

O interesse em reconhecer a importância do currículo na universidade e as consequências dessas percepções pode ser notado no texto acima, inclusive da

influência que os conteúdos de um currículo podem trazer ao mercado e ao campo profissional da área. Assim, é preciso compreender além das alterações da matriz, as preocupações com o currículo e as atitudes sociais que se espera do futuro formando.

## 1.1 A história do Design na UPM

Em 1952 é implantada a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; por ser uma das primeiras na cidade de São Paulo, torna-se referência na área. Durante sua história, a faculdade traz consigo uma série de nomes que posteriormente se tornaram referência na arquitetura brasileira como Oswaldo Bratke e Carlos Bratke, Paulo Mendes da Rocha e Paulo Bastos, entre tantos outros.

No dia 23 de setembro de 1970, o Instituto Presbiteriano Mackenzie aprova a abertura dos cursos de Desenho Industrial e Comunicação Visual e de Desenho e Plástica, com três habilitações específicas: Desenho Industrial, Comunicação Visual e Plástica.

Em 1988 passou-se a adotar as expressões Programação Visual e Projeto de Produto enquanto a habilitação de Desenho e Plástica tornou-se um curso à parte, todos vinculados à Faculdade de Comunicação e Artes. Durante todo o período de criação e adaptação, a estrutura curricular do curso de Desenho Industrial passou por poucas alterações:

[...] entre 1979, com a elaboração da proposta no 1º ENDI (Encontro Nacional de Desenho Industrial) e, 1987 com a aprovação do currículo mínimo dos cursos de Desenho Industrial, o Mackenzie aparentemente buscou fazer as adequações necessárias para estar em sintonia com as discussões nacionais sobre as necessidades desse profissional em formação. (SIQUEIRA, 2009, citado por CARVALHO, 2012, pg 186).

Na década de 1960, uma série de encontros, concursos e palestras enfocam o Desenho Industrial; contam com participação massiva de arquitetos e profissionais formados em Desenho Industrial de diversas instituições como a Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo (FAU/USP), a

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie (FAU Mackenzie), a Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) e a Escola Superior de Desenho Industrial no Rio de Janeiro (ESDI). São publicados artigos em revistas de arquitetura como a Acrópole (CORONA, 1963), a Arquitetura (REGO, 1964) e Habitat e Arquitetura (GRINOVER e PIGNATARI, 1964). São também criados a Associação Brasileira de Desenho Industrial e o *International Council of Societies of Industrial Design* (ICSID), que ampliam o intercâmbio entre os profissionais brasileiros e internacionais e desencadeiam mudanças nos currículos das faculdades no Brasil.

O mestrado de Cara (2010) apresenta um conjunto de artigos e publicações bibliográficas a respeito do Desenho Industrial e Design nas décadas de 50, 60 e 70; o intuito da autora é revelar as manifestações a respeito da importância do estudo, repertório e profissão do Designer no Brasil:

Partindo-se do pressuposto de que, portanto, não se trata de um campo estático não há como deter-se em determinar um caráter definitivo ou conclusivo à disciplina, mas, sobretudo, examinar em cada contexto de espaço e tempo, o seu papel e o seu significado. São esses termos, portanto, que deverão sempre determinar a necessidade de reconfigurar os mapas acerca das investigações e das atividades relativas ao que hoje chamamos de *Design*: a constante indagação sobre quais ambientes serão determinados pela atividade e como o ensino da disciplina poderá contribuir para uma consciência crítica aprofundada acerca do papel que o profissional deverá exercer, superadas às limitações direcionadas unicamente às configurações dos objetos, mas levando-se em conta o caráter, em grande parte, de configurador da experiência humana. (CARA, 2010, pg. 166).

Na Universidade Mackenzie, o curso de Desenho Industrial, instituído em 1971, teve origem como uma disciplina do curso de arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

## 1.2 O corpo docente e discente no curso de Design

O corpo docente no início do curso contava com professores arquitetos e alguns deles já eram influenciados pelo Desenho Industrial, como Alexandres Wollner, por sua vivência na Escola da Forma (em Ulm, Alemanha) e Carlo Antonio Porta, que lecionava as disciplinas de produção e fazia as visitas às fábricas.

Cara também comenta que os alunos tinham uma percepção confusa das matérias curriculares. Disciplinas com a mesma designação tinham aplicação diferente nas três áreas de habilitação (Desenho Industrial, Comunicação Visual, Desenho e Plástica) como a matéria de ergonomia ou incongruências como a matéria de tipografia, que era feita com montagens e alinhamentos artesanais e xilogravura. Como os alunos não possuíam conhecimento prévio e nenhuma base de comparação, juntamente com os professores e a instituição, foram adaptando conteúdos e necessidades a cada matéria.

O recente mestrado, Carvalho (2012) fornece um estudo detalhado das primeiras grades específicas nos primeiros anos da implementação do curso de Desenho Industrial nas Universidades do Brasil.

Algumas mudanças na designação das disciplinas são relevantes, como a matéria de Estudos Econômicos, substituída por Estudos Sociais Econômicos, ou o grupo de Conhecimentos Gerais, que envolvia matemática, física, economia e antropologia inicialmente, e que manteve somente a disciplina de antropologia, demonstrando uma real preocupação social. Além disso, preocupações com disciplinas práticas mais voltadas ao produto foram modificadas e as matérias de marcenaria, modelagem e cerâmica dedicavam-se à elaboração de maquetes. Outra observação da autora é com relação ao termo “Expressão”:

[...] Citados indiretamente (entre parêntesis) nas grades estudadas, o termo Expressão aponta para a forma encontrada de inserir disciplinas relacionadas às artes nesse curso. Isto é constatado pelo fato de que tais disciplinas não são encontradas na grade curricular do curso de arquitetura daquele período. (CARVALHO, 2012, pg. 199).

A grade também apresenta desde o início uma preocupação com a localização do curso e a realidade industrial no país, com a disciplina de Estudos de Problemas Brasileiros, presente desde a primeira grade. Ainda existia uma grande influência dos cursos de arquitetura na programação do Desenho Industrial, principalmente com relação aos aprendizados de desenho, geometria e perspectiva, devido à necessidade primária de o aluno em primeiro saber representar graficamente o que iria desenvolver, e posteriormente entender como poderia fazê-lo.

Já em 1973, a autora nota uma extrema redução de cargas horárias de disciplinas de Conhecimentos Gerais e mais de 60% do currículo passa a ser voltado a matérias específicas para o Desenho Industrial com caráter técnico e construtivo. Isso ainda não configurava um objetivo do curso, mas demonstrava uma clara preocupação do corpo docente em trazer aos alunos em formação a capacidade de se integrar ao mercado, à indústria e a práticas em campo.

## **2. Grade Curricular versus Matriz Curricular**

A denominação Grade Curricular remete a uma estrutura rígida, mantendo certa inflexibilidade entre as matérias, tornando as atividades apenas multidisciplinares (que transitam paralelamente entre si). A sintaxe da palavra grade também implica em um sentido de prisão, cadeia ou fechamento das disciplinas, aplicadas a uma ferramenta imutável e fixa.

“Desde os anos 80 que a nomenclatura de “Grade Curricular” tem sido abandonada, até porque grade lembra algo não muito bom em nossa história. Hoje trazendo a terminologia de “Matriz Curricular” e as disciplinas como “componentes curriculares”, o entendimento de autonomia vem sendo mais considerado sem que se perca numa fragmentação do conhecimento.” (LEÃO, 2005, pg. 1).

A utilização do termo Matriz Curricular mostra-se como uma ferramenta eficiente quando busca tornar as atividades desenvolvidas nas disciplinas

como interdisciplinares (que convergem para um mesmo objetivo), permitindo abordar conteúdos de uma disciplina em outros assuntos. Apesar da semelhança em sua aparência, a intenção de uma Matriz é permitir que linhas e colunas de eixos de pesquisa ou pensamento possam se cruzar e criar novas percepções, transitar em áreas além das suas e serem absorvidas conjuntamente, não mais como disciplinas separadas, mas que atuem umas sobre as outras.

É essencial perceber essas diferenças uma vez que o curso de Design no Mackenzie baseia-se em projetos interdisciplinares, permitindo aos alunos perceberem o envolvimento entre as disciplinas e seus projetos, capacitando-os para utilizar de maneira plena seus conhecimentos adquiridos dentro da Universidade em sua vida profissional. A Matriz curricular do curso de Design na UPM trata eixos de pensamento entre disciplinas teóricas, aplicadas e práticas. Assim, por exemplo, um projeto de mobiliário precisa um histórico acerca do público-alvo previsto, decidir que materiais serão aplicados (aplicação) e como isso será feito (prático). O conjunto de seus estudos torna o aluno capaz de defender seu projeto, justificando suas escolhas e apoiando-se nos processos que determinaram o produto final (atitude).

## 2.1. A Matriz Curricular de 2010 a 2012.

A Matriz Curricular analisada foi a da habilitação Projeto de Produto no curso de Design. Nem todas as disciplinas foram analisadas, somente aquelas que tiveram alterações significantes ou perdas de conteúdo muito evidentes.

Antes mesmo de analisar as matrizes curriculares, é preciso compreender algumas mudanças na formulação das disciplinas dessa habilitação e no modo de avaliar os semestres. Os projetos denominados P.I. (projeto interdisciplinar), que agrupavam diversas matérias em uma única atividade, representavam 40% da nota do semestre em todas as matérias envolvidas e tinham um caráter de apresentação similar ao das bancas de avaliação de trabalhos de graduação.

As matérias que faziam parte do P.I. eram pré-determinadas de acordo como tema proposto naquele semestre (que poderia ser um concurso de mobiliário



ou mesmo um tema em comum, como um móvel modular compacto para área de banheiro e lavanderia), e os professores das disciplinas preparavam suas aulas para auxiliar no P.I. Até 2010 essa era a única maneira de integrar os conteúdos. A nova Matriz Curricular foi pensada como uma “rede” cruzando suas disciplinas em linhas e colunas de estudo dentro das áreas de Teoria e Crítica, Sustentabilidade e Projeto.

A Matriz Curricular foi alterada de 2010 a 2012 e os alunos tiveram seus planos de aula total ou parcialmente modificados. Foi feito um levantamento das matérias apresentadas em 2010 e suas equivalências em 2012 na habilitação de Projeto de Produto.

Diversas disciplinas foram substituídas ou extintas. No entanto, algumas tiveram seus planos de ensino modificados para substituir outras já extintas. Analisamos cada semestre e suas principais modificações.

No primeiro semestre, a matéria de Desenho Técnico I substituiu Perspectiva. Mas, pelo seu conteúdo programático, percebe-se que, na verdade, ela incorporou os conteúdos de perspectiva. As disciplinas extintas do primeiro semestre foram as de Modelagem e Desenho Geométrico e foram incluídas as de Metodologia Científica e Gravura (essa era lecionada no segundo semestre). O conteúdo da disciplina de Modelagem foi condensado em um único semestre, e o de Desenho Geométrico incorporado em disciplinas como Desenho Técnico e Desenho.

No segundo semestre a disciplina de Ciências Sociais II foi substituída pela de Antropologia e Sociologia Aplicada ao Design. Nesse caso não houve uma substituição propriamente dita, mas uma condensação de conteúdo. Todo o conteúdo de ciências sociais foi condensado em uma disciplina no primeiro semestre e os aspectos de sociologia voltados ao Design, que antes era inexistente, aparecem no segundo semestre (verificar Tabela 1). Nenhuma disciplina foi extinta e as disciplinas de Ecologia do Design (antes inexistente) e Fotografia I (antes no 3º semestre) foram incluídas.

No terceiro semestre também nenhuma disciplina foi extinta, duas foram reposicionadas em outros semestres e três foram incluídas (ErgoDesign, Madeira e Materiais e Processos Gráficos), vindas de semestres posteriores.

No quarto semestre, duas matérias foram extintas, Física Experimental e Matemática, que eram uma revisão da física e matemática tradicionais, principalmente voltadas à proporção e cálculo. Seu conteúdo era trabalhado pela disciplina de Ergonomia (quinto e sexto semestres). As matérias foram então incorporadas ao conteúdo de ErgoDesign (antes denominada Ergonomia). Apesar de manterem ementas muito similares, os conteúdos programáticos evidenciam que a abordagem aumentou seus contextos, mais do que uma introdução à disciplina ergonomia, estudos mais aprofundados passam a ser realizados, através de experimentos e análises. O conteúdo previsto como Norma Técnica NR17 em ergonomia não é mais abordado em nenhuma outra disciplina.

No quinto semestre não houve exclusão de nenhuma disciplina, mas diversas outras disciplinas foram alteradas de semestre e incluídas de outros semestres. Uma das disciplinas incluídas foi a de Modelo Bidimensional, que é similar a de Maquetes, modelos e protótipos, excluída do sétimo e oitavo semestres.

No sexto e sétimo semestres, uma série de disciplinas foi excluída, entre elas as de Industrialização e Fabricação. Essas disciplinas incluíam visitas a diferentes fábricas, em horários extracurriculares, e estudavam “in loco”, os processos de fabricação discutidos em sala de aula. As fábricas escolhidas pelo professor pertinente possuíam sempre processos de fabricação que era estudado em sala de aula e os alunos conseguiam então ver na prática o que já haviam visto em teoria. Um dos propósitos desse trabalho é entender como os docentes e alunos entendem essa falta de interação prática, já que as visitas foram realizadas desde o início da criação do curso de Design e já estava prevista nas primeiras grades curriculares em 1971.

No oitavo e último semestre, diversas disciplinas foram extintas: Redação Técnica, Marketing de Produto, Trabalho de Graduação Interdisciplinar II (TGI II), Maquetes, modelos e protótipos e Marcenaria. Embora pareça uma grande perda, é preciso analisar o conteúdo dessas disciplinas. A disciplina de Redação técnica foi absorvida pelas disciplinas de Metodologia Científica e Metodologia de Pesquisa (1º, 5º e 6º semestres). A disciplina de TGI II aliou-se à de Desenvolvimento de Projeto de Produto e ganhou a denominação de Projeto T.C.C. (Trabalho de Conclusão de Curso). A disciplina de Maquetes,

modelos e protótipos II foi absorvida por diversas outras disciplinas como Modelo Físico (4º, 5º e 6º semestres) e Modelo Bidimensional (5º, 6º, 7º e 8º semestres) juntamente com os conteúdos da disciplina de Laboratório Experimental (que trata do estudo de materiais como madeira, e polipropileno, entre outros).

Uma das maiores alterações da Matriz Curricular entre 2010 a 2012 foi a exclusão da matéria de Marketing do produto, antes lecionada no oitavo semestre. Os conceitos fundamentais de Marketing eram aliados ao Projeto de Produto, criando toda uma comunicação para o projeto de Design desenvolvido. Esses aspectos também poderiam ser aproveitados para o trabalho de graduação, e aliados a outras matérias, trariam a ideia de que um produto sem uma boa comunicação de marketing e propaganda, não é um produto completo.

Ao analisar a Matriz Curricular como um todo, é possível perceber uma extrema redução de conteúdo nos últimos semestres e diversas disciplinas que foram adiantadas nos semestres. Isso possibilita que o aluno tenha conhecimento de conteúdos que podem ser usados desde o início da graduação. Outra possível percepção é que durante os últimos semestres, o aluno com menos disciplinas na Matriz, pode se concentrar no Projeto de TCC e aliar os trabalhos das outras disciplinas ao seu projeto, sendo desnecessário, como na primeira grade, realizar projetos paralelos que não dizem respeito ao seu trabalho final. Matérias práticas também foram adiantadas, como Madeira, Plástico e Vidro, assim o aluno pode utilizar as técnicas aprendidas nos projetos dos semestres posteriores.

### **3. Diretrizes Nacionais do Currículo e Importância Social**

Para compreender as alterações de grade curricular e Matriz curricular é imprescindível estudar a importância e o papel social e educacional de um currículo. Moreira e Silva (2001) fazem um levantamento histórico do surgimento do currículo escolar e sua importância em três eixos: Ideologia, cultura e poder.

Os aspectos ideológicos são verificados uma vez que se entende que o currículo em seu início pressupõe a ideologia das classes sociais e poderes, admitindo que o que fosse ensinado nas escolas corresponderia à realidade dos que frequentavam determinada escola, assim, mantendo o ensino estritamente ligado à ideologia da época. Já no campo da cultura, o currículo não se trata de um meio veiculador, mas formador, uma vez que a cultura não pode ser considerada homogênea ou unificada, o currículo tem um papel de ferramenta de construção da cultura, preparando os alunos a terem autonomia e enfrentamento às concepções de vida social e criar suas próprias culturas com os saberes e vivências proporcionados pelo currículo. O poder está ligado ao currículo quando se compreende que é através da determinação dos conteúdos abordados em um currículo que se transmite uma ideologia e cria-se uma cultura, fazendo com que a produção e criação de saberes determinadas por um currículo possam mobilizar uma parte da sociedade a um fim específico e determinado, independente de ser ou não verdadeiro e correto, dando poder aquele que constrói o currículo e ao que utiliza para sua formação social. “O currículo é, assim, um terreno de produção e de política cultural, no qual os materiais existentes funcionam como matéria-prima de criação, recriação e, sobretudo, de contestação e transgressão.” (MOREIRA e SILVA, 2001, pg. 28).

Outro aspecto do currículo é o determinado currículo oculto definido por Moreira e Candau (2007, pg. 18) como os aspectos não formais de um currículo:

Envolve, predominantemente, atitudes e valores transmitidos, subliminarmente, pelas relações sociais e pelas rotinas do cotidiano escolar. Fazem parte do currículo oculto, assim, rituais e práticas, relações hierárquicas, regras e procedimentos, modos de organizar o espaço e o tempo na escola, modos de distribuir os alunos por agrupamentos e turmas, mensagens implícitas nas falas dos (as) professores (as) e nos livros didáticos. São exemplos de currículo oculto: a forma como a escola incentiva a criança a chamar a professora (tia, Fulana, Professora etc.); a maneira como arrumamos as carteiras na sala de aula (em círculo ou alinhadas); as visões de

família que ainda se encontram em certos livros didáticos (restritas ou não à família tradicional de classe média).

Assim é possível compreender que a complexidade do currículo dentro e fora do ambiente escolar pode influenciar nas atitudes sociais de um indivíduo e em sua percepção de responsabilidade e atuação profissional. Tendo em vista a sociedade atual, baseada na diversidade cultural, interdisciplinaridade e tecnologia globalizada, o currículo deve envolver propostas maiores do que a mera cultura, política ou história atual, deve se tornar atemporal, preocupada com a realidade de mundo vivida pelos alunos no presente momento, preocupada com a ética, cidadania e bem estar humano:

Estamos defendendo, em resumo, que se torne o currículo, em cada escola, um espaço de pesquisa. A pesquisa, concebida em um sentido mais amplo, reiteramos, não está restrita à Universidade. Como professores (as) / intelectuais que atuamos na escola, precisamos enfrentar esse desafio, tornando-nos pesquisadores (as) dos saberes, valores e práticas que ensinamos e/ou desenvolvemos, centrando nosso ensino na pesquisa. Nesse processo, poderemos aperfeiçoar nosso desempenho profissional, poderemos nos situar melhor no mundo, poderemos, ainda, nos engajar na luta por melhorá-lo. Nesse processo, poderemos despertar nos alunos e nas alunas o espírito de pesquisa, de busca, de ter prazer no aprender, no conhecer coisas novas. (MOREIRA e CANDAU, 2007, pg. 43).

13

Ao desenvolver o currículo os autores propõe então uma atitude de pesquisadores nos docentes criadores de currículo, em se envolverem nos aspectos mais ocultos e não meramente formais. Tendo em vista estas observações passemos então a entender quais as implicações das alterações de grade curricular e Matriz curricular.

### 3.1 Diretrizes Curriculares Nacionais

As Diretrizes Curriculares Nacionais são um conjunto de definições doutrinárias sobre princípios, fundamentos e procedimentos (...) que orientam na organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de suas propostas pedagógicas. O processo de definição das diretrizes curriculares conta com a participação das mais diversas esferas da sociedade. Dentre elas, o Conselho Nacional dos Secretários Estaduais de Educação (Consed), a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime), a Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), além de docentes, dirigente municipais e estaduais de ensino, pesquisadores e representantes de escolas privadas. (RODRIGUES, 2012, pg. 1).

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), portanto não são exigências ou legislações que devem ser seguidas, mas são a base para a construção das Matrizes Curriculares e direcionamentos que qualquer graduação deve seguir. As DCNs devem servir como ferramenta e a Universidade deve buscar contemplar todos os seus parâmetros, preservando a autonomia dos professores e da Universidade.

As Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Design aprovou a Resolução No 5, de 8 de Março de 2004 que apresenta treze artigos incorporando tanto as capacidades estéticas e criativas quanto as mercadológicas do futuro profissional.

### 3.1.1 A Diretriz Curricular do Design

A Diretriz Curricular do Design aprovada possui artigos que descrevem quais as habilidades esperadas que o futuro profissional adquira durante o curso. O 4º Artigo especifica em seus itens quais capacidades deve ser possíveis alcançar durante o curso:

I – criatividade.

II- linguagem própria em projeto.

III- interação, interdisciplinaridade e pesquisa.

IV- visão sistêmica de projeto e processos de fabricação, aspectos econômicos, psicológicos e sociológicos do produto.

V- etapas do desenvolvimento de um projeto.

VI- conhecimento do mercado, processos produtivos e tecnologias.

VII- domínio de gerência de produção e administração.

VIII- visão histórica e prospectiva, socioeconômica, cultural, ambiental, estética e ética.

Já o 5º artigo aborda os conteúdos pedagógicos e os eixos interligados das disciplinas:

I- (conteúdos teóricos) História e teorias do Design, contextos sociais, psicológicos e artísticos, comunicação, meio ambiente, gestão, produção e mercado.

II- (conteúdos práticos) Produções físicas, que envolvam a visão artística, industrial e estética e tragam satisfação pessoal.

III- (conteúdos interdisciplinares) Domínios que integram as abordagens teóricas e práticas.

Os artigos citados acima foram simplificados de acordo com a interpretação da autora e destacados propositalmente para mostrar as principais preocupações que devem ser aplicadas no curso de Design. São estas as premissas que devem ser seguidas para que o curso de Design seja minimamente aproveitado pelo estudante para se tornar um profissional completo tanto socialmente quanto profissionalmente.

## 3.2 Análises das Matrizes com as Diretrizes Nacionais Curriculares

Através das DCNs é possível analisar a Matriz Curricular implementada entre 2010 a 2012 no curso de Projeto de Produto na UPM. É importante, no entanto, entender que as DCNs não visam somente as disciplinas e currículos, mas a infraestrutura e competências da Universidade, atividades extracurriculares e a organização do curso.

Outra observação interessante é entender como as DCNs previnem a autonomia de professores e da Universidade. Ela não determina as disciplinas, mas seus contextos mínimos, as atividades permanecem sendo programadas pelo seu corpo docente e administração e permite que uma ou mais disciplinas ou até mesmo um grupo de disciplinas, aliadas e interdisciplinares, sejam contempladas pelos mesmos artigos das DCNs.

Ao analisar as novas matrizes curriculares comparando com os itens das DCNs é possível perceber sua complexidade:

A DCN prevê no artigo 2º atividade de estágio supervisionado, atividades complementares, iniciação científica e trabalho de conclusão de curso. O curso de Design possui estágio supervisionado e trabalho de conclusão de curso, no entanto as iniciações científicas ainda são em pequeno número no curso. As atividades complementares podem ser consideradas, como exemplo, a semana do evento Viver Metrópole, cuja presença é obrigatória, workshops ou palestras de interesse aos alunos do Design. No entanto, com a alteração das Matrizes curriculares, uma atividade externa que seria considerada complementar era as visitas às fábricas (Disciplinas de Industrialização e Fabricação) que foram extintas.

A DCN também cita em diversos momentos as questões interdisciplinares e a integração das disciplinas (§ 1º, itens IV e V; Artigo 4º, item III; Artigo 5º, item III e Artigo 6º). Essas questões interdisciplinares e integração de disciplinas são abordadas principalmente entre disciplinas prático-teóricas e nas questões de integração com outros ramos e atividade em grupo. O curso de Projeto de Produto é extremamente ligado à interdisciplinaridade e mesmo a nova Matriz curricular ainda mantém essa característica, a partir do terceiro semestre um projeto denominado Projeto Integrado (PI) é realizado em grupo ou individualmente, aliando conhecimentos de ao menos cinco disciplinas,



teóricas e práticas, para a elaboração de um projeto pré-estipulado. O trabalho de conclusão de curso proposto, independente do tema escolhido pelo aluno, também deve ser interdisciplinar, abrangendo de preferência todas as disciplinas envolvidas no curso. Por se tratar de uma faculdade com diversas disciplinas práticas e onde o principal eixo de ensino é sobre a disciplina de projeto, é imprescindível que o aluno entenda e pratique a interdisciplinaridade, visando em todas as etapas conciliar as atividades práticas embasadas nas teóricas e utilizando de todos os conhecimentos alcançados até o momento.

Ao analisar principalmente o artigo 4º é possível verificar como essas premissas se encaixam nas disciplinas:

I – Domínios de técnica e criação para soluções inovadoras como desenho, desenho técnico, projeto, sistemas, materiais e ergonomia.

II – Linguagem própria como desenho técnico, ergonomia, história da arte e técnica.

III – interação com outras áreas e equipes interdisciplinares como as propostas de PI, ética e cidadania, ciências sociais, antropologia e sociologia e metodologia.

IV – visão sistêmica do projeto como todas as citadas anteriormente.

V – Etapas do desenvolvimento do projeto reconhecida em disciplinas como metodologia de projeto e metodologia científica, além de gerar soluções e comunicar os resultados, o que podem ser verificados em cada PI e no trabalho de conclusão de curso.

VI – conhecimento do setor produtivo, visão setorial e mercadológica e processos produtivos. Esse item parece ser o que mais foi negligenciado na alteração da Matriz. É possível o conhecimento teórico através de disciplinas como processos, materiais, sistemas, modelos físicos e projeto, mas o conhecimento prático deve ser desenvolvido nas disciplinas relacionadas a cada tipo de material (vidro, plástico, metal, madeira e modelos físicos) uma vez que as visitas a fábricas foram extinta. A visão mercadológica pode ser vista na disciplina de Gestão em Design.

VII – domínio de gerência, produtividade, arranjo físico de fábrica custos e investimentos. Esse também foi item prejudicado, que a partir da alteração da Matriz só pode ser reconhecido em teoria sem as visitas as fábricas.

VIII – Visão histórica, socioeconômica e cultural como em história do Design, gestão em Design, antropologia e sociologia e história da arte e técnica.

Assim, a partir dessa contemplação das disciplinas junto a DCN é possível ver que mesmo as disciplinas que poderiam ser mais bem aproveitadas através de disciplinas práticas, ainda são revisadas por disciplinas teóricas. Nesse momento, apesar de questões como porque extinguir disciplinas práticas que aproveitariam melhor as DCNs e os motivos dessa extinção não parecerem óbvios, é importante ressaltar que esse trabalho não busca os motivos dessas decisões e não pretende entender os parâmetros em que a nova Matriz se construiu, mas entender como os alunos e professores sentem em sua vida escolar, pessoal e social essas mudanças.

## 4. Pesquisa e análises de dados

A metodologia de pesquisa exploratória<sup>3</sup> elaborada para esse projeto consistiu na entrevista de dois professores e cinco alunos do curso de Design com ênfase em Projeto de Produto que participaram ou foram afetados pelas alterações da Matriz curricular entre 2010 e 2012. As entrevistas foram realizadas presencialmente dentro do Campus da UPM São Paulo ou por mídias virtuais, sem a identificação pessoal do entrevistado. As mesmas questões foram apresentadas aos dois grupos buscando esclarecer alguns parâmetros de interesse desse trabalho:

PERGUNTA	OBJETIVO
----------	----------

<sup>3</sup> A metodologia determinada para a pesquisa é uma metodologia exploratória que: Têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas. [...] Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. (GIL, 2011, pg. 27).

Porque a Matriz curricular do curso foi alterada entre os anos de 2010 a 2012?	Verificar se o entrevistado tem conhecimento da mudança e seus motivos ou crenças a respeito.
Quais as principais alterações que você considera significativa?	Verificar o que o entrevistado compreende das alterações propostas
Você percebe benefícios ou fatores prejudiciais ao aprendizado de um futuro profissional com essas alterações?	Captar pontos positivos ou negativos que o entrevistado possa constatar nas alterações.
Sobre o período que você lecionou/estudou na Universidade, como essas alterações te afetaram?	Verificar como o entrevistado foi afetado pelas alterações em sua vivência, dentro e fora da Universidade.
Existem mudanças que você ainda gostaria de propor ou que não tivesse sido realizada?	Perceber a satisfação com as mudanças e o que os entrevistados têm de expectativa com a nova Matriz.

Analisando as respostas, foi possível verificar os objetivos para cada questão:

A primeira questão percebeu-se que todos os entrevistados estavam cientes das mudanças e mesmo sem saber ao certo o motivo da implantação da nova Matriz conseguia relacionar necessidades que deveriam ser supridas nas antigas matrizes. Em sua maioria, as respostas se tratam de crenças, não são informações certas ou que foram passadas como um processo, mas demonstra que o aluno compreende a necessidade de atualizações e acredita que as alterações são necessárias e podem ser proveitosas.

A segunda questão nota-se que os entrevistados compreendem as alterações da matriz. Conseguem facilmente identificar as alterações e discernir quais as disciplinas que foram incorporadas e quais as disciplinas que as incorporaram. Além disso, também é possível notar que o entrevistado considera outras interferências no processo de ingresso e aprendizado do

curso, não somente a Matriz, mas se preocupa com a capacidade do corpo discente e docente em lidar com as disciplinas, conhecimentos prévios e calendário da Universidade. Percebem melhorias, mas são capazes de críticas e têm plena consciência do que esperam da nova Matriz (aliar, melhorar, beneficiar, preparar) com relação a sua prática social e profissional no Design.

A terceira questão os entrevistados conseguem apontar com clareza o que consideram positivo ou negativo na nova Matriz, mas tendem a preocupar-se mais com o desenvolvimento das atividades universitárias do que com o mercado de trabalho. Através das entrevistas é possível verificar que os entrevistados consideram que as alterações da Matriz estão mais voltadas para a evolução das disciplinas durante o curso para melhorar a qualidade dos trabalhos, mas não necessariamente para uma preparação profissional, percebe-se que existe uma preocupação em como lidar com essa preparação dentro da Universidade, mas não está relacionada diretamente ao currículo.

A quarta questão os entrevistados conseguem declarar claramente como foram afetados pelas alterações da Matriz, mas poucos relacionam com a sua área profissional ou vivência fora da Universidade. Apesar de citarem fatores como falta ou aproveitamento de tempo, o que pode ser considerado como fator que afeta sua vida social fora do Campus (ter mais tempo para trabalho ou projetos próprios). Quando questionados sobre como as alterações os afetaram, os entrevistados responderam voltados ao meio acadêmico, apontando melhorias ou impressões pessoais de como isso beneficiaria sua evolução para formação no curso.

Entre os poucos fatores pessoais fora da Universidade citados, a desistência se destaca (de estender outra habilitação ao curso ou fazer um intercâmbio) principalmente pelas questões de equivalência de disciplinas não ser mais possível, o que se tornou um fator desmotivador. Em sua maioria, os entrevistados citaram como fatores positivos a atualização do curso, a integração das disciplinas e a melhor progressão das disciplinas durante o curso para o projeto de TCC. Entre suas preocupações, foi citado o encurtamento de disciplinas complexas e a revisão de conteúdos já vistos em outras disciplinas depois da condensação da nova Matriz.

Através da entrevista também foi possível notar que alguns entrevistados não sentiram nenhuma alteração apesar da nova Matriz, o que pode ser

considerado benéfico, já que não houveram dificuldades a serem superadas pelas alterações das disciplinas.

A quinta questão é possível notar a satisfação com a nova Matriz juntamente com as expectativas na fala dos entrevistados uma vez que eles consideram que ela, em sua maioria, melhora o andamento do curso e desenvolvimento de suas disciplinas, mas ainda sentem que existe um distanciamento do mercado. Apesar de temores com a duração das disciplinas, os entrevistados consideram que o aprofundamento é necessário em somente poucas delas, e acreditam que a pró-atividade do aluno fora de sala de aula é suficiente para se aperfeiçoar em técnicas ou assuntos de interesse próprio, considerando que existem diversos cursos externos que suprem o que a Matriz não abrange.

Quanto às mudanças propostas é possível perceber que houve e ainda é presente uma falta de informação ou comunicação entre Universidade, professores e estudantes; muitas das atividades que os alunos esperam já existem na programação da Universidade, como disciplinas optativas ou o aperfeiçoamento em outros cursos, onde o aluno pode se matricular e acrescentar em seu currículo. A disciplina de ética e cidadania foi citada como faltante por um entrevistado, mas é obrigatória em todos os cursos da Universidade e uma possibilidade que pode ter ocorrido para que o entrevistado a julgue desnecessária seja de que seu conteúdo pode não estar sendo explorado de acordo com a expectativa do corpo discente.

É preciso também ressaltar que nessa questão verifica-se uma maior preocupação com o futuro profissional e a sugestão de disciplinas ou conteúdos é para a melhoria da atuação no mercado de trabalho, em alunos que tem como expectativa saírem do curso preparado para uma atitude profissional completa. Da mesma maneira que é possível uma dupla graduação (cursando uma habilitação conseguinte da outra) também é possível se matricular em disciplinas de ambas as habilitações simultaneamente, mas esses recursos não são devidamente divulgados aos alunos.

Assim foi possível verificar a compreensão, aceitação e expectativas com relação à nova Matriz Curricular aos alunos e professores da habilitação de Projeto de Produto do curso de Design, Matriz que ainda está sendo alterada e que busca, como esperado, um melhor aproveitamento das disciplinas no

andamento do curso e da atividade profissional ao formados. Os entrevistados acreditam que a maior reflexão dessas alterações será possível de verificar na melhor qualidade dos trabalhos de conclusão de curso e na colocação dos formados no mercado de trabalho.

## 5. Conclusões

O objetivo deste estudo foi perceber como as mudanças ocorridas na Matriz curricular no curso de Design na Universidade Presbiteriana Mackenzie de 2010 a 2012 na habilitação em Projeto de Produto afetam alunos e professores em suas realizações acadêmicas, sociais e profissionais. Para tanto, uma série de investigações foram propostas, desde a compreensão do histórico da Universidade, do curso de Design, em relatos baseados em outros projetos acadêmicos que estudaram a implementação das primeiras grades curriculares, compreensão das Diretrizes Curriculares Nacionais e suas relações com o currículo do curso a entrevistas com alunos que sofreram estas alterações atuais ou que já ingressaram no curso com as alterações implantadas.

Através do histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie e de curso já se verifica uma preocupação mercadológica desde seu início, onde a separação do Design do campo da arquitetura surge como oportunidade de especialização em uma área até hoje pouco explorada e de complexa compreensão. O Design surge como ferramenta que alia o desenho, a publicidade, os estudos sociais de desejo e necessidade, o consumo, marketing e a arte; ao mesmo tempo em que se baseia em disciplinas teóricas como semiótica e história da arte para manter o caráter científico do curso. Nestas premissas o curso estudado foi-se desenvolvendo de maneira gradativa e alterando seu currículo de maneira a adequar-se as DCNs e teve de ser revisto mais uma vez quando da nova aceitação do Designer como profissão. A importância desta última revisão surge junto à necessidade de reconhecer o trabalho do Design e dos Designers a sua criação, a uma responsabilidade projetual junto ao usuário e consumidor e a uma conscientização dos profissionais formados a partir de 2012 de seu papel social. A partir deste momento, reconhecido como profissional, o Designer tem a autoria de seus projetos, da mesma maneira como surgem as responsabilidades de prever seu uso, seus benefícios, suas

características criativas e ergonômicas junto a população e mercado que absorve estes projetos. O Designer passa a não ser mais somente artista, mas precisa ser reconhecido pelo mercado como produtor. Isso não quer dizer que a Universidade deve parar de explorar a parcela de arte, criatividade ou desenvolvimento emocional de seus produtos, mas precisa agora englobar conceitos de mercado, ecologia e preocupações sociais sobre o uso de seus objetos e criações.

Com este estudo pode-se verificar não só a evolução das disciplinas ao longo do curso criado em 1971, mas sua preocupação com a evolução mercadológica que seus formados teriam de absorver. Atualmente, o Design se desdobra sobre novos aspectos que não foram abordados aqui, como a filosofia do Design, a semiótica e o Design ou a psicologia do consumo de Design. Múltiplas ferramentas surgem com o reconhecimento do Design como profissão, buscando complementar a formação e adentrar em campos interdisciplinares que antes não eram reconhecidos como áreas pertinentes a formação em questão. Durante a conclusão deste projeto, ainda houveram mudanças a serem consideradas; o curso de Design da Universidade está, mais uma vez, sendo revisto devido a uma exigência do MEC aliado a revisão de notas do ENADE no último ano da Faculdade de Arquitetura (ao qual o Design é vinculado). Estas revisões estão sendo propostas pela Universidade e apresentadas aos professores e alunos para discussões antes da versão final ser aprovada, fato inédito ao curso de Design e o que irá futuramente contribuir para que os alunos compreendam melhor como o processo de disciplinas e a montagem das matrizes acontecem. Os alunos tem agora acesso aos planos disciplinares, apresentados pelos professores no início de cada disciplina, onde consta o objetivo da disciplina, seu grau de cruzamento interdisciplinar com os eixos práticos e teóricos e o cronograma de atividades, o que facilita a compreensão dos alunos, mesmo antes do conteúdo da disciplina ser apresentado, como esta vai se relacionar no contexto da Universidade como um todo. Estas relações entre coordenação, professor e alunos eram ausentes a poucos dois anos atrás, mas com a administração de um centro acadêmico ativo e votado pelos alunos, atualmente o curso de Design possui um canal de comunicação direto com o corpo docente e coordenação, o que antes só se dava através da secretaria e muitas vezes se mostrava insuficiente. O diretório acadêmico trás a luz do corpo discente as

razões das alterações, como são aprovados os processos e faz reuniões com representantes de sala para que estas informações alcancem a todos os alunos.

Atualmente, a universidade estuda as alterações a serem aplicadas em uma nova Matriz para daqui a um ano, onde não haverá mais as distinções de habilitações de Programação Visual e Projeto de Produto, seguindo uma mesma matriz para todos, o que modificará mais uma vez as disciplinas e abordagens interdisciplinares propostas no curso.

Também é preciso ressaltar a importância das redes sociais e o papel da internet atualmente com relação a estas alterações presentes e as futuras. Através de redes sociais, alunos, diretório acadêmico, professores e Universidade conseguem se comunicar fora da burocracia dentro do campus, expõe suas opiniões e tem acesso imediato a informações que não mais dependem de um painel físico ou um cartaz de aviso dentro do campus. Embora isso ainda aconteça, os alunos, agora mais ligados às redes sociais e informações contidas dentro de sites, podem buscar informações que não dependem de horários da secretaria ou documentos escritos, assim aumentou no último ano a quantidade de monitores no curso (o que antes não existia por falta de informação a possibilidade de monitorar para os alunos), os trabalhos relacionados a pesquisas científicas (que possuía uma cota que nunca era preenchida devido à falta de informação ou interesse dos alunos) e a comunicação imediata de ausência de aulas, de troca de livros, tarefas ou artigos de interesse acadêmico.

No dia 20 de agosto de 2013, o Mackenzie modificou o seu *site* de informações e o curso de Design agora apresenta sua Matriz curricular completa atualizada para acesso de estudantes ou futuros candidatos, além de informações a respeito de atividades complementares, atividades de extensão e pesquisa, melhorando a comunicação e oportunidades de ensino ligadas ao curso.

Atividades extracurriculares, como a semana do Viver Metrópole (evento que ocorre anualmente com palestras, workshops, atividades relacionadas ao curso em período integral e de presença obrigatória) que antes era pouco divulgada, agora com o centro acadêmico organizado, ganhou um edital que foi distribuído através da rede social do *facebook* e permite que o aluno se interesse e se programe para realizar as atividades propostas, o que antes só



ocorria com uma semana de antecedência e as palestras eram divulgadas com poucos dias para a inscrição.

Com os estudos realizados é possível registrar também a percepção de fatores que podem aumentar ainda mais e melhor a percepção dos alunos à importância do currículo. Apresentar-lhes as Diretrizes Nacionais Curriculares junto à programação do curso permitirá a compreensão da complexidade da criação das novas Matrizes, permitir o acesso e a discussão das alterações antes de sua aprovação e envolver o corpo docente e discente em uma política de abertura cria um canal de comunicação onde professores e alunos se sentem incluídos e ouvidos, aproximam as opiniões e interesses de novas disciplinas ou disciplinas que precisam ser revistas, faz com que a Universidade funcione como uma experiência de vivência, além da mera burocracia da imposição de assuntos, se sentindo parte do processo, os alunos passam a perceber a vivência universitária como parte do mercado, como em reuniões e tomadas de decisão que encontram em agências e empresas de suas áreas.

Quanto à nova Matriz, conclui-se que ela de fato é benéfica, que independente de alunos e professores reconhecerem suas raízes ou como se deu sua criação e implantação, todos percebem as alterações, e de uma maneira geral, consideram que foi necessária, para atualização à realidade do mercado e do momento que a profissão de Designer é reconhecida. A Nova Matriz e suas revisões representam para os alunos recém-formados e aos que se formaram na antiga Matriz um progresso, percebida como ferramenta interdisciplinar, preocupada com o desenvolvimento mercadológico, interessada em criar vínculos entre as disciplinas práticas e teóricas, apesar de ter sido imposta sem nenhuma discussão ao corpo universitário, não sofreu recusas ou foi mal aceita. Buscou-se perceber como estas alterações afetaram os envolvidos na vida acadêmica, social e profissional, e percebe-se agora que o aluno não faz esta distinção tão claramente quanto imaginada, sua vida acadêmica é a social e seu futuro profissional já se inicia no campus, enquanto os alunos reconhecem os processos na Universidade como uma atividade dinâmica similar a que devem encontrar no mercado. Os alunos entrevistados esperam ser absorvidos por um mercado semelhante ao que eles reconhecem das aulas que têm na Universidade, e independente de esta ser ou não a verdade, com a nova Matriz e com os eventos proporcionados pela Universidade, percebe-se

que a preocupação da Universidade não é a mera absorção de profissionais, mas a capacitação de autonomia dos alunos, que são capazes de críticas construtivas, de análises que diferem entre eles (mesmo tendo as mesmas disciplinas), de necessidades diferentes. Mesmo com o reconhecimento da profissão, o mercado pode não estar pronto a receber o Designer e diferenciá-lo do arquiteto ou engenheiro, assim é importante que a vivência universitária prepare o aluno não para se encaixar ao mercado, mas também para educar o mercado das atividades e potenciais do profissional. A nova Matriz permite uma melhor compreensão da interdisciplinaridade, o que vai trazer em sua crítica profissional, o trabalho compartilhado com outras áreas; a capacidade de aliar as atividades práticas e teóricas, ferramenta que será primordial independente da área que o profissional escolher; a necessidade de adaptação, aceitação e discussão, realidades presentes no mercado para tomada de decisão.

Os entrevistados demonstraram compreender a necessidade de alterações, mas também mostraram algumas insatisfações, preocupações e anteciparam uma série de consequências que esperam que a nova Matriz traga, principalmente quanto a vida acadêmica e qualidade dos trabalhos de conclusão de curso. Reconhecem um melhor aproveitamento do tempo nos semestres finais dedicados ao TCC e disciplinas que serão utilizadas durante todo o decorrer do curso ao ser apresentadas logo em seu início indicando que isso é viável. Por outro lado, também reconhecem uma falta de preocupação na nova Matriz em como avaliar esses valores, como reconhecer se os trabalhos finais de graduação ou qualquer outro projeto no decorrer do curso é de fato aplicável, compatível com a realidade e pode ser absorvido pelo mercado.

Os alunos compreendem que a Universidade tem o papel de preparar para a carreira profissional e também para a crítica pessoal, que somente alterar a Matriz ou cursar as disciplinas não são suficientes para esta preparação. Assim, se preocupam com cursos extracurriculares, atividades em outras áreas, oportunidades reais em serem reconhecidos como bons profissionais, independente de serem bons alunos.

Os alunos percebem que os professores precisaram se atualizar e os professores consideram estas atualizações necessárias e benéficas. A

Universidade, com a aplicação desta nova Matriz, passa a ser reconhecida como além de preparatório para o mercado, mas criadora de autonomia, gerando discussões, processos de melhorias, abrindo aos alunos uma visão de que a vivência do campus vai além da preparação para o mercado, mas permite uma vivência social, que também envolve hierarquias, comunicação, necessidade de responsabilidades, aceitações e questionamentos que lhes servirão para sua vida profissional e pessoal.

Não coube a este estudo julgar ou qualificar a matriz aplicada, ou apreciar sua utilidade, ou discutir suas qualidades e falhas. O trabalho proposto tratou de verificar a compreensão e preocupação dos professores e alunos com relação a estas mudanças, que poderiam ter sido aplicadas em qualquer outro contexto ou momento da Universidade. A preocupação da autora desse estudo é deixar registrado esse momento de mudança curricular no Curso de Design da UPM e sua repercussão na formação dos futuros profissionais; bem como o reconhecimento da mudança da Matriz Curricular como necessária; como essas informações e alterações foram tratadas; como os alunos acompanharam as mudanças ocorridas; e como isso poderia afetar aos profissionais, aos alunos e a educação da área, verificando que esta é uma preocupação comum tanto da Universidade quanto dos envolvidos. A nova Matriz ainda está em transição e o currículo está novamente sendo revisto, mas de agora em diante, como demonstrou este estudo, com uma clara comunicação entre os envolvidos, o que garante uma compreensão geral dos acontecimentos e um comprometimento maior de todos que ajudarão a construir as novas matrizes que estão ainda por vir.

## 6. REFERÊNCIAS

BRAGA, Marcos da Costa. **Regulamentação:** Os primeiros passos de uma “bandeira”. In: Revista Brasileira de Design / Ensaios. Ano III, No 34. Disponível em: [http://www.agitprop.com.br/index.cfm?pag=ensaios\\_det&id=76&titulo=ensaio\\_s](http://www.agitprop.com.br/index.cfm?pag=ensaios_det&id=76&titulo=ensaio_s). Acesso em: 20 de Março de 2013.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Design.** RESOLUÇÃO Nº 5, DE 8 DE MARÇO DE 2004. Acesso em 31 de maio de 2013. Disponível no site do MEC: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces05\\_04.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces05_04.pdf)

BRUNETTI, Marcia Elizabeth. **Saberes ambientais para a educação do Designer no ensino superior.** In: periódico Avaliação. Sorocaba: vol. 10, No 04, dez. 2005. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772005000400010&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772005000400010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 de Setembro de 2012.

CARA, Milene Soares. **Do desenho industrial ao Design no Brasil:** uma bibliografia crítica para a disciplina. Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo para a obtenção de título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na área de concentração de Design e Arquitetura. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-03032010-101037/pt-br.php> Acesso em: 26 de Março de 2013.

CARVALHO, Ana Paula Coelho de. **O Ensino Paulistano de Design:** a origem das escolas paulistanas. Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para a obtenção de título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-18062012-144626/pt-br.php> Acesso em: 28 de Outubro de 2012.

CORONA, Eduardo. **O desenho industrial, o arquiteto e iniciativas erradas.** Revista Acrópole No 292, 1963.

FASCIONI, Ligia. **Considerações sobre a formação dos gestores de Design no Brasil.** In: 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.ligiafascioni.com.br/wp-content/uploads/2010/08/IdentidadeGIIC.pdf>. Acesso em: 16 de Setembro de 2012.

FERREIRA, Sueles d'Arc de Oliveira. **Flusser, seu mundo codificado e o Design.** In: Revista Lument et virtus, vol. II, No 4, 2011.

FLORENTINO, Iza. **Encontro de Design encerra atividades nesta terça-feira (dia 23).** In Universidade do Estado da Bahia. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:2WP0TJewUUoJ:www.uneb.br/2010/11/23/encontro-de-Design-encerra-atividades-nesta-terca-feira-dia-23/+&cd=2&hl=pt&ct=clnk&gl=br> Acesso em: 17 de Novembro de 2012.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas:** Elogio da superficialidade. São Paulo, Annablume, 2008.

GESSER, Verônica e CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Uma nova Racionalidade para o Design de currículo dos cursos de comunicação social:** Princípios de organização e implementação. In: Teias, Rio de Janeiro, ano 11, No 21, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO. UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. **Grade curricular do design de 2010**. Disponível em: [http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/FAU/DI.Programa/2011.p/Grade\\_Curricular\\_2011\\_p.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/FAU/DI.Programa/2011.p/Grade_Curricular_2011_p.pdf) Acesso em: 28 de Outubro de 2012.

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO. UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. **Grade curricular do design de 2013**. Disponível em: [http://www.mackenzie.br/design\\_matriz.html](http://www.mackenzie.br/design_matriz.html) Acesso em: 20 de Setembro de 2013.

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO. UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. **Programação de Projeto de Produto de Design**. Disponível em: [http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/FAU/DI.Programa/2011.p/Projeto\\_de\\_Produto\\_2011\\_p.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/FAU/DI.Programa/2011.p/Projeto_de_Produto_2011_p.pdf) Acesso em: 27 de Outubro de 2012

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO. UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. **Programação do primeiro ano de Design**. Disponível em: [http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/FAU/DI.Programa/2011.p/Design\\_Ano\\_Basico\\_2011\\_p.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/FAU/DI.Programa/2011.p/Design_Ano_Basico_2011_p.pdf) Acesso em: 28 de Outubro de 2012.

GRINOVER, Lúcio. **Desenho Industrial**. Revista Habitat No 76,1964.

LEÃO, José Antônio Carneiro. **Currículo de formação docente além das grades**. Artigo para a Universidade do Estado da Bahia, Bahia, 2005. Disponível em: <http://www.campus12.uneb.br/texto/artigos/curriculo.pdf> Acesso em: 28 de Março de 2013.

MICHAELIS, moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu. **Currículo, cultura e sociedade**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Indagações sobre currículo:** currículo, conhecimento e cultura. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Brasília: 2007.

PEREIRA, Patrícia Resende. **O elogio da superficialidade:** Uma reflexão sobre a imagem de Flusser. In: Discursos fotográficos, Londrina, vol. 7, No 11, 2011.

PIGNATARI, Décio. **A profissão de desenhista industrial.** Revista Arquitetura No 21, 1964.

REGO, Flávio Monteiro. **Arquitetura e Desenho Industrial.** Revista Arquitetura No 22, 1964.

SANTOS, Suzana Suguimori. **Design Thinking Action Lab Activities.** Pranchas realizadas para curso programado por Leticia Brito Cavagnaro pela *Stanford University*. **Empathy Map.** Mapa de empatia através de entrevistas com o estudante. Disponível em: [http://prezi.com/jdllgyb2rfuv/?utm\\_campaign=share&utm\\_medium=copy](http://prezi.com/jdllgyb2rfuv/?utm_campaign=share&utm_medium=copy) Acesso em: 26 de Setembro de 2013.

SANTOS, Suzana Suguimori. **64 solutions.** Possíveis soluções para o estudante. In: DESIGN THINKING ACTION LAB ACTIVITIES. Pranchas realizadas para curso programado por Leticia Brito Cavagnaro pela *Stanford University*. Disponível em: [http://prezi.com/ywhogix0icx/?utm\\_campaign=share&utm\\_medium=copy](http://prezi.com/ywhogix0icx/?utm_campaign=share&utm_medium=copy) Acesso em: 26 de Setembro de 2013.

SANTOS, Suzana Suguimori. **Projects Prototype.** Teste de protótipos das soluções escolhidas. In: DESIGN THINKING ACTION LAB ACTIVITIES. Pranchas realizadas para curso programado por Leticia Brito Cavagnaro pela *Stanford University*. Disponível em: [http://prezi.com/cbxvumgqq0ts/?utm\\_campaign=share&utm\\_medium=copy](http://prezi.com/cbxvumgqq0ts/?utm_campaign=share&utm_medium=copy) Acesso em: 26 de Setembro de 2013.

SANTOS, Suzana Suguimori. **Design Thinking.** Resumo das percepções do curso. In: DESIGN THINKING ACTION LAB ACTIVITIES. Pranchas realizadas para curso programado por Leticia Brito Cavagnaro pela *Stanford University*. Disponível em:

# REVISTA PRIMUS VITAM

[http://prezi.com/6yowelxjtyum/?utm\\_campaign=share&utm\\_medium=copy](http://prezi.com/6yowelxjtyum/?utm_campaign=share&utm_medium=copy)

Acesso em 26 de Setembro de 2013.